
Especialização precoce em praticantes de handebol

Early specialization in handball practitioners

Renata Martines Hernandes¹, Priscilla Augusta Monteiro Ferronato¹, Carina Helena Wasem Fraga^{1,2}

¹Curso de Educação Física da Universidade Paulista, São Paulo-SP, Brasil; ²Laboratório de Biomecânica da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil.

Resumo

O objetivo desse estudo foi analisar a influência da especialização precoce no handebol sobre o desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes inseridas no treinamento das categorias iniciantes. A revisão da literatura foi realizada a partir da busca de artigos científicos e livros acadêmicos nas bases de dados Bireme e Scielo, e no site do Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores determinados no DeCS: "Educação Física e Treinamento", "Aprendizagem", "Desenvolvimento Humano". Considerando a relação com o tema "iniciação esportiva no handebol", foram selecionados 19 artigos nacionais e oito livros acadêmicos, publicados entre o período de 1994 e 2011. Foi verificado que crianças e adolescentes adequadamente preparados para a prática do handebol em um processo continuado vivenciam experiências positivas que contribuem para o desenvolvimento motor, sem configurar uma especialização precoce. Para tanto, torna-se imprescindível um acompanhamento pedagógico orientado que assegure uma formação diversificada e de qualidade. Nesse contexto, a competição deve ser utilizada como um instrumento motivador e educacional, capaz de propiciar vivências que contribuam para formação ética e moral, indispensáveis para o convívio em sociedade. Dessa forma, pode-se concluir que a especialização precoce no handebol pode desencadear alterações no desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e social de crianças e adolescentes inseridas no treinamento das categorias iniciantes, acompanhadas pela possibilidade de abandono precoce do esporte. Portanto, a prática do handebol deve ser incorporada nas aulas de Educação Física de forma diversificada e motivadora, oportunizando a participação, a aprendizagem e ampliação do repertório motor.

Descritores: Educação física e treinamento; Exercício; Destreza motora; Aprendizagem; Desenvolvimento humano

Abstract

The objective of this study was to assess the influence of early specialization in handball on the biopsychosocial development of children and adolescents included in the training of novice categories. A literature review was performed searching for scientific articles and academic books in Bireme and Scielo databases and Google Scholar site. The following descriptors were determined in MeSH: "Physical Education and Training", "Learning", "Human development". Considering the relationship with the subject "sports initiation in handball", 19 national articles and eight academic books were selected, published between 1994 and 2011 period. It has been found that children and adolescents adequately prepared for the practice of handball in a continuous process experience positive experiences that contribute to the development engine, without configuring a premature specialization. Therefore, it becomes essential to monitor teaching-oriented training to ensure a diverse and quality. In this context, the competition should be used as an educational tool and motivator, able to provide experiences that contribute to ethical and moral, necessary for life in society. Then, it can be concluded that the early specialization in handball can cause changes in physical, psychological, cognitive and social development of children and adolescents inserted in training of beginner categories. This early specialization can be accompanied by the possibility of early desistence of sport practice. Therefore, the practice of handball should be incorporated in physical education classes in a diversified and motivating way, providing opportunities for participation, learning and expansion of the motor repertory.

Descriptors: Physical education and training; Exercise; Motor skills; Learning; Human development

Introdução

Este estudo se baseia na análise dos fatores que cercam o processo de desenvolvimento motor infantil, em relação à abordagem pedagógica utilizada pelos professores/técnicos de handebol no contexto de formação inicial esportiva baseada na especialização precoce.

A iniciação esportiva é o período em que a criança inicia a prática regular e orientada de uma ou mais modalidades esportivas, tendo como objetivo imediato dar continuidade ao seu desenvolvimento de forma integral¹.

O handebol, assim como qualquer outra prática esportiva, é importante para o desenvolvimento da criança, pois permite o desenvolver de suas qualidades físicas, psíquicas, sociais e morais. Dentre as principais capacidades físicas pode-se citar a velocidade,

a força, a resistência, a coordenação, o controle emocional, entre outros. Uma vez que, assim como todos os jogos de caráter coletivo assumem uma importância para a educação de crianças e adolescente, o handebol também se insere na promoção de intervenções quanto à cooperação, convivência, participação e inclusão².

No entanto, a ânsia por parte de alguns técnicos em obter resultados imediatistas, envolvem as crianças em atividades não adequadas para sua condição exigindo um desempenho precoce, expondo-as a uma carga de treinamento geralmente elevada, tornando-as especializadas em uma determinada modalidade cedo demais em relação à idade apropriada para tal³.

Estudos apontam que a iniciação em modalidades coletivas tem por recomendações em sua prática à faixa etária dos 10 a 12 anos, porém diferentemente das idades

ideais, o início tem em suas maiores concentrações a faixa dos sete aos 10 anos de idade⁴. O treinamento com crianças e jovens, deveria ser tratado como um meio no qual esse indivíduo irá formar seus valores e seus objetivos de vida, assim como se preparar para ela⁵.

O objetivo deste trabalho foi analisar a influência da especialização precoce no handebol sobre o desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes inseridas no treinamento das categorias iniciantes. Para tanto, torna-se pertinente investigar as linhas de ensino-aprendizagem aplicadas no treinamento das categorias iniciantes, discutindo o papel da competição como instrumento de aprendizagem. Além disso, mostra-se relevante revisar características do desenvolvimento infantil, de forma a respeitar limitações no processo de desenvolvimento e educação motora da criança, para que esta possa praticar o handebol de uma forma saudável e prazerosa.

A revisão da literatura foi realizada utilizando as bases de dados Bireme e Scielo, e o site do Google Acadêmico. Inicialmente, foram usados os seguintes descritores definidos na base de dados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Educação Física e Treinamento”, “Aprendizagem”, “Desenvolvimento Humano”. A partir dessa seleção inicial, foi realizada uma busca mais refinada incluindo artigos que tratavam especificamente dos temas iniciação esportiva, handebol, aprendizagem esportiva e esporte na escola, sendo selecionados 56 artigos e 12 livros sobre o tema. Após uma leitura inicial, foram excluídos 39 artigos e quatro livros que abordavam aspectos técnicos e táticos da modalidade. Dessa forma, foram selecionados para essa revisão 19 artigos nacionais e oito livros acadêmicos, publicados entre o período de 1994 e 2011.

Revisão de literatura

Fases do desenvolvimento e suas relações com a iniciação esportiva no handebol

A faixa etária dos 10 aos 14 anos é denominada geralmente como segunda fase da infância e puberdade, em que a amplitude de variação do desenvolvimento motor está em crescente aumento. Neste período a curva de desenvolvimento dos meninos se diferencia da curva de desempenho das meninas⁶. As meninas têm uma vantagem biológica de aproximadamente 18 a 24 meses nas idades iniciais na taxa de desenvolvimento típico da coordenação dos movimentos. Nas meninas o pico de crescimento em estatura ocorre por volta dos 12 anos de idade, diferentemente dos meninos que ocorre por volta dos 14 anos. Logo após esse processo ocorre a menarca, diretamente associada à elevação da produção de hormônios femininos (estradiol). Entretanto, não há um ganho acentuado de massa muscular, uma vez que não há elevação significativa na produção de testosterona, característico nos meninos. Dessa forma, as meninas têm melhores condições de desenvolver a coordenação motora antes da menarca para, após a menarca, o treinamento da força, veloci-

dade e resistência poder ocupar um lugar de maior destaque⁷.

Este é o período da infância, visto de uma forma integral, que é mais apropriado para o desenvolvimento de habilidades motoras. Essa fase é denominada como pré-pubescência, sendo intermediária entre a fase da infância e a adolescência. Esse período é marcado pela maturação sexual e pelos fatores responsáveis pelo crescimento, em que cada indivíduo terá um tempo e uma intensidade no seu crescimento, bem como no desenvolvimento das capacidades físicas⁶.

Algumas características são estabilizadas nessa etapa, tais como: a percepção de profundidade, a acuidade visual dinâmica, a coordenação visual e motora, sendo que essa última aborda a integridade entre as mãos e os olhos para a intervenção em um objeto. No handebol, o objetivo maior do jogo para ambas as equipes é o gol⁸, onde o sucesso deste objetivo depende do desenvolvimento de tais características. Para tanto, parte-se do pressuposto que este desenvolvimento permitirá uma melhora significativa na manipulação de partes do corpo em relação a objetos em movimento.

Em relação ao esporte e sua prática, existem adaptações positivas do tecido ósseo relacionadas ao exercício físico em função do impacto característico desta modalidade. Lesões tendem a acontecer apenas em situações em que haja excesso de treinamento, em que fraturas por estresse podem afetar atletas adolescentes. Nessas situações, a sobrecarga aplicada nos treinamentos excede a capacidade de tolerância do tecido biológico. Assim a prescrição de exercícios físicos direcionada aos adolescentes deve ser mais cautelosa, uma vez que essa fase da vida se caracteriza por intensas transformações biológicas e dos sistemas cardiovascular e musculoesquelético, entre elas o crescimento da estatura e o amadurecimento neuroendócrino⁹. As modificações profundas que controlam o processo de maturação sexual alteram a relação entre as proporções corporais. Esta característica do desenvolvimento leva a reestruturação da motricidade. Enquanto os processos biológicos das capacidades de força e resistência em geral continuam se desenvolvendo de forma acelerada e positiva, ocorre o início de uma tendência contrária na coordenação motora^{6,10}. Para tanto, cabe ao técnico/professor diferenciar fortemente os métodos e meios de treinamento, adaptando o exercício às respectivas condições individuais.

Etapas de Aprendizagem

As crianças até 12 anos estão na denominada “fase um” na qual se indica incentivar a motivação de crianças pelos esportes em geral e a formação orientada ao desenvolvimento de sua personalidade e de suas necessidades, evitando um treinamento específico¹⁰. Assim, o ponto principal deve ser a formação múltipla e geral, com auxílio de jogos em situações simplificadas.

Nessa fase, os conteúdos específicos do handebol a serem aplicados devem contemplar o domínio do corpo, a manipulação da bola, o drible, a recepção e

os passes, utilizando o jogo como principal ferramenta de aprendizagem². Os espaços (quadra) e os alvos (gol) podem ser reduzidos para adequar as capacidades físicas das crianças, para que estas se sintam motivadas em função do aumento das possibilidades.

A “fase dois” (13/14 anos) tem como objetivo principal o desenvolvimento criativo da capacidade de jogo, sem uma obrigação tática específica. Os jovens devem aprender adquirindo um repertório de variações técnicas e comportamentos táticos elementares no ataque e na defesa¹⁰. Nessa faixa etária não se deve utilizar a colocação dos jogadores em posições específicas, pois objetiva-se o jogador “polivalente”. Neste sentido, é importante ressaltar que esse momento é importante para os aprendizes passarem do estágio de transição para o de aplicação⁶. Assim, a ênfase desses conteúdos deve permear o desenvolvimento da destreza e habilidades motoras, sem muita preocupação com a vitória².

Na “fase três” (15/16 anos) acontece a passagem do estágio de aplicação para a estabilização, a qual permanecerá para o resto da vida^{6,10}. A automatização do movimento é o elemento central, isto é, todos os pré-requisitos que aconteceram de forma consciente e com muito gasto de energia podem agora ser executados no subconsciente com menor gasto energético². Dessa forma, o desenvolvimento da capacidade de jogo é o ponto principal desta fase. No setor de formação tática individual, são realizados treinamentos em posições específicas com possibilidades de ações na tática grupal entre 2/3 jogadores no jogo posicional e a transição de formações ofensivas com um ou dois pivôs. No jogo defensivo ocorre a transição entre marcação individual para a de posicionamento da bola (bloquear, auxílio de cobertura e a forma de troca da marcação), visando o aperfeiçoamento das condições gerais da formação do atleta.

Por fim, a “fase quatro” (até 17/18 anos) tem como foco principal o treinamento ofensivo e o desenvolvi-

mento da capacidade de jogo contra os diferentes posicionamentos – defensivo, ofensivo e antecipativo do sistema de defesa adversário. Sobre o ponto de vista tático entra em cena o “Princípio da Continuidade”, através do desenvolvimento do ritmo de jogo. No setor da formação defensiva ocorrem defesas por “zonas”, ou seja, de posicionamento, onde são treinadas as capacidades específicas de força, em relação à condição física do praticante. Dessa forma, fica evidente que só quando a criança é capaz de controlar o primeiro nível de jogo – pelo menos na forma grossa – é que apresentará condições para resolver os problemas propostos pelo nível superior¹⁰.

Conceitos e metodologias no treinamento das categorias de base

O treinamento de base é a ferramenta primordial para o desenvolvimento da criança, não estando somente relacionado à aquisição e ao refinamento de habilidades motoras, mas as capacidades cognitivas, sócio-afetivas e psicológicas daquele que joga. A busca iniciada pelos técnicos para um melhor desempenho dessas capacidades deve contemplar as três capacidades: a percepção, a antecipação e a tomada de decisão⁵.

Técnicos que almejam resultados imediatistas tendem a desencadear na criança um processo de especialização precoce, fazendo com que determinadas etapas de formação do jogador sejam perdidas, como a participação em outras atividades esportivas, em jogos e brincadeiras de aspectos lúdicos próprios do mundo infantil.

Dessa forma, quanto maior for a gama de habilidades vivenciadas antes de aprender habilidades específicas, melhor se dará o processo de aprendizagem no seu contexto esportivo¹¹. Embora esse processo possa levar a um maior desempenho de modo extremamente rápido nas categorias infanto-juvenis, comumente ocorre uma estagnação do desempenho, falta de motivação, ou ainda, possíveis lesões prematuras; o que pode fazer

Quadro 1. Etapas de aprendizagem e suas respectivas características

Autores	Fases de Aprendizagem	Principais características associadas à fase de aprendizagem
Ehret <i>et al.</i> (2002) ¹⁰ Oliveira; Paes (2004) ²	Fase um	Visa o desenvolvimento global da criança através das diversas práticas esportivas, evitando um treinamento específico de suas capacidades.
Ehret <i>et al.</i> (2002) ¹⁰ Oliveira; Paes (2004) ² Gallahue; Ozmun (2005) ⁶	Fase dois	Passagem do estágio de transição para o de aplicação, em que a aprendizagem deve conter um repertório de variações técnico-tático.
Ehret <i>et al.</i> (2002) ¹⁰ Oliveira; Paes (2004) ² Gallahue; Ozmun (2005) ⁶	Fase três	Passagem do estágio de aplicação para a estabilização que visa o aperfeiçoamento e automatização de movimentos específicos.
Ehret <i>et al.</i> (2002) ¹⁰	Fase quatro	Visa o desenvolvimento da capacidade de jogo e suas características específicas da modalidade.

com que jovens talentos encerrem de forma abrupta a carreira esportiva¹⁰.

O desempenho no alto nível depende cada vez mais do que se faz na iniciação. Nesse sentido, deve-se dar maior importância à qualidade dos estímulos aplicados do que à frequência de realização da tarefa¹²⁻¹³.

A estruturação do treinamento precisa levar em consideração os níveis de desempenho de acordo com o seu desenvolvimento biopsicossocial, para que crianças e adolescentes possam praticar o handebol de uma forma saudável. Para tanto, é importante considerar um processo em longo prazo que assegure um acompanhamento pedagógico orientado para a formação da personalidade da criança, viabilizando uma formação motora multilateral e promovendo suas qualidades e habilidades de forma objetiva e consciente¹⁰.

Em virtude a todos esses fatos, será considerada a categoria mirim (11 e 12 anos) como o primeiro nível de desenvolvimento do jogador, que constitui uma etapa de formação básica. O jogo nessa fase tem como característica a individualidade dos jogadores, levando em considerações a imprevisibilidade das situações impostas durante a realização dos jogos e a interpretação que cada jogador tem dessas situações devido às múltiplas possibilidades de tomada de decisão¹⁴.

Esse caráter imprevisível é desconsiderado por muitos professores/técnicos, os quais adotam práticas reducionistas para o ensino do handebol, que é caracterizado por sua complexidade. A fragmentação do jogo aos seus gestos técnicos significa não aproveitar a capacidade de percepção dos jogadores e as tomadas de decisão sem um caráter crítico, na qual a memorização e a repetição moldam a criança e o adolescente ao modelo adulto. É necessário estimular e desenvolver o pensamento crítico nos jogadores, bem como das inúmeras variações motoras que possam imergir dessas situações, principalmente porque as situações complexas são fonte de reflexão e interpretação do jogo¹⁴.

Associando e analisando todas essas informações, deve-se chamar à atenção para o método global e o método situacional, que são centrados, respectivamente, nos jogos e nas situações provenientes de diversas interações entre os jogadores para o ensino dos fatores técnico-táticos do jogo. O método situacional o jogador deve inter-relacionar capacidades técnicas, táticas e cognitivas na busca de soluções para tarefas-problemas. Espera-se desenvolver suas capacidades técnicas ("como fazer") paralelamente às capacidades táticas ("o que fazer", "quando fazer" e "porque fazer")⁵. Já o método global, inicia-se com jogos reduzidos e adaptados, que são formas simplificadas e com regras adaptadas do jogo formal a ser ensinado, até atingir o jogo formal, com suas regras, no seu espaço, número de participantes e tempo pré-estabelecidos pela modalidade. O método global mostra-se o mais indicado para a iniciação esportiva, por entender o desenvolvimento do indivíduo como um todo e não como uma soma de partes.

As consequências da especialização precoce

A especialização precoce é um processo que acontece quando crianças são introduzidas antes da fase pubertária a um treinamento planejado e organizado em longo prazo, e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além, de participação periódica em competições esportivas¹⁵. A desvantagem desse desenvolvimento em relação a uma livre e variada oportunidade de se jogar é muito criticada na atualidade. A especialização precoce com cargas unilaterais (um só tipo de esporte), como a dos adultos, apresenta desarmonias no desenvolvimento, acompanhadas de um abandono precoce do esporte, antes de ter chegado ao nível de alto rendimento¹⁶. Nesse sentido, torna-se importante que as crianças sejam estimuladas a trabalhar gestos técnicos com liberdade¹⁰.

Dentre os problemas que uma especialização precoce provoca na vida de uma criança pode-se citar: (1) uma formação escolar deficiente, devido a grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva; (2) a unilateralização que deveria ser plural; (3) a reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância; (4) a imposição de situações de estresse, caracterizadas por um sentimento de medo e insegurança; (5) a saturação esportiva, que pode desencadear diversas lesões decorrentes do excesso de prática^{1,15}. Diante disto, faz-se necessário estruturar experiências motoras significativas apropriadas para seus níveis de desenvolvimento particulares.

A adesão da prática desportiva e suas contribuições para seus praticantes

O esporte assume um papel pedagógico consideravelmente importante para o desenvolvimento dos aspectos fisiológicos, psicomotores, culturais, cognitivos e sociais dos alunos¹⁷⁻¹⁸. Quando estamos em uma prática esportiva com intervenções concretas, o esporte torna-se fundamental para restituir nossos cinco sentidos e suas capacidades inatas¹⁹. O esporte é um fenômeno com várias formas e com diferentes significados: esporte de rendimento, de lazer, escolar, de reeducação e reabilitação. Desse modo, são várias as motivações e sentidos atribuídos ao esporte pelos seus participantes²⁰. Porém, mesmo compreendido na sua pluralidade, mantém uma estrutura peculiar, pois não há esporte sem preocupação com o desempenho, sem regulamentos e sem competição²¹.

A criança, em um ambiente competitivo precoce, confunde as regras com objetivos por causa do seu realismo e por seu egocentrismo. Defende ainda, que o esporte coletivo exerce fascínio nas crianças muito mais pelo prazer da atividade (vivência) e pela coletividade do que pela competição²².

Analisado por outro âmbito, o esporte é um excelente meio que pode contribuir para a formação integral e crítica do ser humano, justificando que a cooperação, a participação, a solidariedade e a criatividade dos par-

Quadro 2. Descrição dos principais resultados do estudo relacionados às consequências da especialização precoce e às contribuições da prática esportiva na escola

Principais resultados		Autores
Consequências da Especialização Precoce	Déficit escolar/ Aumento do estresse e insegurança/ Risco de lesões precoces.	Ramos; Neves (2008) ¹ Kunz (1994) ¹⁵
	Risco de abandono da prática/ Unilateralização esportiva/ Reduzida participação.	Ehret <i>et al.</i> (2002) ¹⁰ Kröger; Roth (2005) ¹⁶
Contribuições da Prática Esportiva na Escola	Promove desenvolvimento fisiológico, psicomotor, cultural, cognitivo e social.	Capitanio (2003) ¹⁷
	Cooperação, participação, solidariedade, criatividade, desenvolvimento de capacidade crítica.	Höher (2000) ¹⁸
	Pluralidade de vivências motoras/ Sentido de coletividade.	Piaget (1980) ²²
	Autoavaliação das capacidades e potencialidades.	Bento (2002) ¹⁸
	Oportunidade de desenvolver a capacidade de agir, fazer, sentir, praticar, acertar e errar.	Lavisolo (2001) ²⁵

ticipantes, são fundamentais para que esses não sejam apenas reprodutores de uma modalidade esportiva¹⁸.

Ainda nesse raciocínio, é notório ressaltar que a motivação ocorre por fatores intrínsecos (pessoais) e extrínsecos (ambientais). Alguns dos fatores que levam as crianças a se sentirem motivadas na prática inicial do esporte são: diversão, razões físicas, razões competitivas, aprender a desenvolver habilidades motoras, ascensão social, estabelecer novas amizades, entre outros²³. Entretanto, o sentido primordial do desporto para a criança é a competição. O jogo possibilita a criança sua própria avaliação em relação a suas capacidades, comparando-as com os outros e consigo própria. Os valores do jogo competitivo, adquiridos e cultivados no palco desportivo, não se confinam a esse espaço; transmitem para além dele, para um quadro mais amplo e abrangente²⁴. O esporte competitivo abre espaço para a criança desenvolver sua capacidade de agir, de fazer, de sentir, de praticar, de acertar e também de errar²⁵.

Discussão

A literatura sugere que o início da competição contribui para a construção do repertório motor da criança^{20,24-25}, no qual a execução de movimentos deve estar somente ligada à estimulação e não a perfeição de gestos técnicos específicos, evitando grandes soluções táticas por parte delas que ainda não correspon-

dem a tais aspectos tanto da parte física como maturacional¹⁵. Nesse âmbito, a compreensão do jogo será operacionalizada por meio de situações de jogos modificados, por exemplo, em aspectos como o número de jogadores, espaço e alvos (gol), etc.

A adoção de aspectos metodológicos é imprescindível no processo ensino e aprendizagem. É necessário que o professor conheça o contexto cultural, no qual se insere o aluno para desenvolver todas as possibilidades pedagógicas a serem desenvolvidas²⁶. O esporte deve ser empregado com base em princípios que tenham como objetivo central o desenvolvimento de valores éticos e morais, visando o desenvolvimento da potencialidade de cada criança, educando-a para a vida em sociedade²¹. Nessa perspectiva, espera-se que o aluno vivencie oportunidades que promovam autonomia para prática do desporto nas horas de lazer²⁴.

Para reduzir o possível estresse proveniente de atividades competitivas, sugere-se uma forma de progressão no desenvolvimento de tais atividades. Inicialmente, é proposto que a criança possa competir com seu próprio índice de desempenho, ou seja, que a competição se processe com ela mesma. Em um segundo momento, indica-se a competição com o índice médio do grupo ao qual ela pertence. Logo em seguida, seria indicado incentivar a sua participação em atividades coletivas, que envolvam divisão de responsabilidades, para que, finalmente, ela esteja pronta para participar de ativida-

des desportivas²⁷. Entretanto, podem-se questionar tais indicações, pois o estresse é um elemento que estará presente em algum grau em todas as etapas do desenvolvimento da criança. Assim, acredita-se que a vivência da criança nas mais variadas formas de competição descritas anteriormente pode prepará-la de modo mais adequado para o convívio em sociedade.

Levando em consideração todos esses conceitos, o esporte de excelência não deixa de proporcionar a seus praticantes mais jovens aspectos de alto sentido formativo e educacional. Sabe-se que, ao contrário, o esporte de competição constitui uma importante ferramenta para educação moral e ética nas aulas de Educação Física. Porém é evidente que a sobrecarga de treinamento deve ser ajustada às necessidades e à fase de desenvolvimento da criança²⁰. Assim, tendo por base todos esses fatores e o que a literatura sugere como método de aula, fica evidente que o uso do método global é o mais indicado à iniciação esportiva, uma vez que este contempla o desenvolvimento técnico-tático como um todo, através de tarefas-problemas na própria estrutura do jogo. Essa abordagem estimula a criatividade e a tomada de decisão do aluno, para que este compreenda sua própria participação.

Conclusão

A especialização precoce no handebol pode desencadear alterações no desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e social de crianças e adolescentes inseridas no treinamento das categorias iniciantes, acompanhadas pela possibilidade de abandono precoce do esporte, o que inviabilizaria atingir um nível de alto rendimento esportivo no momento em que o aluno estaria efetivamente preparado para tal. Mostra-se imprescindível, dessa forma, que a criança vivencie experiências motoras diversas que lhe proporcionem o desenvolvimento de um amplo e diversificado repertório motor. Para tanto, o esporte competitivo deve ser incorporado nas aulas de Educação Física tomando o cuidado para que a sobrecarga de treinamento seja ajustada às necessidades e à fase de desenvolvimento da criança, pois a competição pode ser uma importante ferramenta pedagógica capaz de proporcionar educação moral e ética aos alunos.

Portanto, a prática do handebol deve ser incorporada de forma diversificada e motivadora, oportunizando a participação e aprendizagem. O papel do professor/técnico assume um fator determinante na concretização desse processo. Torna-se fundamental que este utilize o esporte como ferramenta educacional e não somente como projetor de resultados, por meio de uma metodologia abrangível às limitações de seus alunos, possibilitando uma qualidade de vida futura para os mesmos.

Referências

1. Ramos AM, Neves RLR. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade. *Notas Introdutórias*. Rev Pensar a Prática. 2008;11(1):1-8.

2. Oliveira V, Paes RR. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. *Rev Digital*. 2004;10(71).
3. Canciglieri PH, Melari LF, Pinheiro PU. Handebol: processo pedagógico e especialização precoce. *Rev Mackenzie Educ Fís Esp*. 2008;7(3):79-82.
4. Silva FM, Fernandes L, Celani FO. Desporto de crianças e jovens: um estudo sobre as idades de iniciação. *Rev Portug Desp*. 2001;1(2):45-55.
5. Greco PJ, Benda RN. Iniciação esportiva universal. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG; 1998.
6. Gallahue DL, Ozmun JC. Compreendendo o desenvolvimento motor. 3ª ed. São Paulo: Phorte; 2005.
7. Ré AHN. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. *Rev Motric*. 2011;7(3):55-67.
8. Fritzen AR, Castro I, Vignochi N, Navarro F. Treinamento intermitente e as características morfológicas, metabólicas e fisiológicas no handebol. *Rev Bras Presc Fisiol Exerc*. 2010;4(23):449-56.
9. Silva CC, Teixeira AS, Goldberg TBL. O esporte e suas implicações na saúde óssea de atletas adolescentes. *Rev Bras Med Esporte*. 2003;9(6):426-32.
10. Ehret A, Spate D, Schubert R, Roth K. Manual de Handebol: Treinamento de Base para Crianças e Adolescentes. São Paulo: Phorte; 2002.
11. Gimenez R, Ugrinowitsch H. Iniciação esportiva para crianças de segunda infância. *Rev Cient Uninove*. 2002;1:53-60
12. Marques AT, Oliveira JM. O treino dos jovens desportistas. Atualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. *Rev Portug Desp*. 2001;1(1):130-7.
13. Tani G. Comportamento Motor: Aprendizagem e Desenvolvimento. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.
14. Menezes RP, Sousa MSS, Braga JWC. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento para a categoria mirim em instituições não formais de ensino: concepções e metodologias. *Coneções*. 2011;9(2):49-69.
15. Kunz E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. *Movimento*. 1994:10-9.
16. Kröger C, Roth K. Escola da Bola: Um ABC para Iniciantes nos Jogos Esportivos. São Paulo: Phorte; 2005.
17. Capitano AM. Educação através da prática esportiva: missão impossível? *Rev Digital*. 2003;8(58).
18. Höher AJ. O esporte na escola: benefícios e prejuízos. Uma abordagem crítica da formação acadêmica. Novo Hamburgo. 2000.
19. Kunz E. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. *Movimento*. 2000;6(12):1-13.
20. Gaya A. Sobre o esporte para crianças e jovens. *Movimento*. 2000;6(13):1-14.
21. Pampilion MR. A influência da prática esportiva no desenvolvimento de valores em crianças e jovens [trabalho de conclusão de curso de Educação Física]. Porto Alegre-RS: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2001.
22. Piaget J. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1980.

23. Knijnik JD, Greguol M, Santos S. Motivação do esporte infanto-juvenil: uma discussão sobre razões de busca e abandono da prática esportiva entre crianças e adolescentes. *Rev Inst Ciênc Saúde*. 2001;19(1):7-13.

24. Bento JO, Marques AT. Esporte e atividade física. São Paulo: Manole; 2002.

25. Lovisolo H. Mediação: esporte rendimento e esporte escola. *Movimento*. 2001;107-17.

26. Venditti Junior R, Sousa MA. Tornando o jogo possível: reflexões sobre a pedagogia de esporte, os fundamentos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem esportiva. *Pensar a Prática*. 2008;11(1):47-58.

27. Coelho RW, Coelho YB. Estudo comparativo entre o nível de stress de crianças envolvidas em diferentes esportes organizados e em atividades físicas competitivas informais. *Treinamento Desportivo*. 1999;4(3):47-58.

Endereço para correspondência:

Profª Dra. Carina Helena Wasem Fraga
Av. Torres de Oliveira, 330 – Jaguaré
São Paulo-SP – CEP 05347-020
Brasil

E-mail: wcarina_helena@hotmail.com

Recebido em 15 de março de 2013
Aceito em 16 de novembro de 2015